

O que torna o Stradivarius  
um violino tão especial?

# Algo muito raro

POR RUDOLPH CHELMINSKI

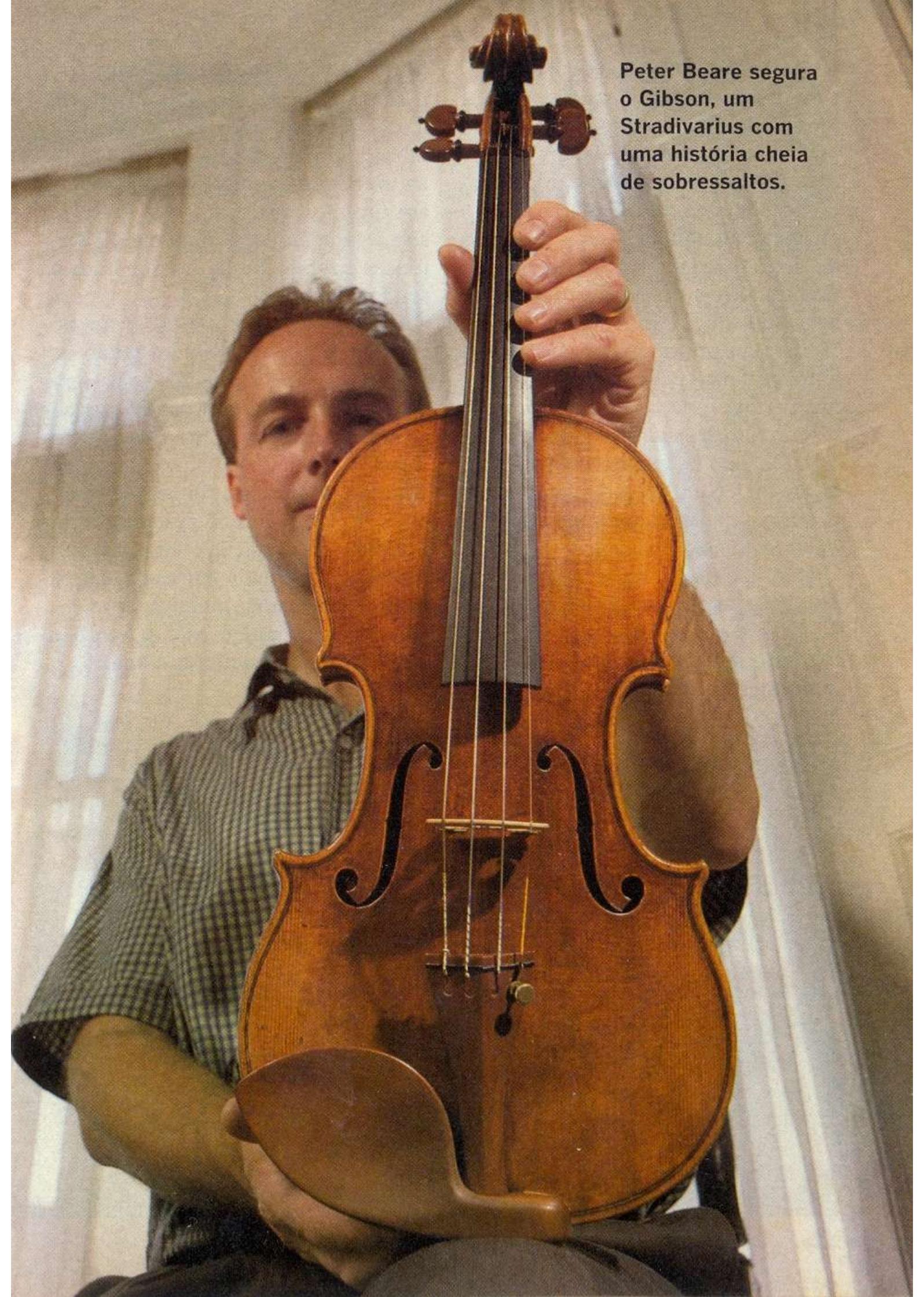
**R**ELUZINDO em tons rubros e dourados ao sol da manhã de Londres, tratava-se de algo leve e frágil, que não pesava nem meio quilo. Peter Beare segurava o tesouro em suas mãos de artesão.

- Pegue - disse ele, estendendo-o para mim. Nervoso, tentei segurá-lo como um bebê.
- Assim - ensinou Peter, com a paciência de uma enfermeira diante de um pai de primeira viagem. - Segure-o pelo braço.

Tomei coragem. Fechei os dedos da mão esquerda sobre o braço do instrumento e deslizei a direita para a base, onde podia ter certeza de pegá-lo com firmeza. Pela primeira vez na vida - e, sem dúvida, pela última -, segurava um violino Stradivarius.

Aquele se chamava Gibson. Tinha quase 300 anos e valia uma fortuna. Quem sabe quanto? Qualquer pessoa pode atribuir um preço a um Stradivarius, mas ninguém pode dizer qual o seu valor. Quanto vale uma sonata de Mozart? E a beleza?

Peter Beare segura  
o Gibson, um  
Stradivarius com  
uma história cheia  
de sobressaltos.



Os Stradivarius são os instrumentos musicais mais procurados e apreciados do mundo. Vêm sendo comercializados, comprados, vendidos, roubados, guardados e cobiçados desde o século 17. Os melhores exemplares podem atingir quantias de sete algarismos quando trocam de dono, mas um Stradivarius está acima da simples moeda.

Eles são prezados por seu artesanato perfeito, pelo som inimitavelmente doce e rico, e figuram entre os tesouros universais da humanidade. Combinando os mundos da arte e do trabalho, o Stradivarius é uma obra-prima e um instrumento para a sublime arte de fazer música.

Não há quem aprecie mais os Stradivarius do que Peter Beare. O fabricante e restaurador de violinos, herdeiro dos ilustres negociantes de instrumentos ingleses J. & A. Beare, havia retirado o Gibson de um cofre-forte, com controle de temperatura, da elegante loja que dirige sob a presidência do pai, Charles. Examinei o instrumento mais de perto.

Com a fragilidade da casca do ovo e a leveza das plumas, é um conjunto complexo de madeiras: bordo, abeto, ébano, choupo, salgueiro e pereira. A parte central mal chega a 30 centímetros de comprimento e 20 centímetros de largura. No entanto, esse pequeno engenho da marcenaria sabiamente concatenado tem o poder de atingir os cantos mais remotos das salas de concerto - poucos instrumentos de corda produzem tanto som quanto um violino.

Mas, caso se tratasse apenas de produzir o máximo de ruído, ninguém daria atenção a eles. É por causa da infinita modulação de seus tons, afinados desde os sons mais passionais até um murmúrio que mal se ouve sob a carícia de um arco, que os virtuosos fizeram desse instrumento o seu fetiche.

Quando o Lady Blunt alcançou mais de US\$ 200 mil num leilão da Sotheby's, em 1971, muitos se assombraram. Em 1998, o Kreutzer custou US\$ 1,5 milhão na Christie's, outro leiloeiro de Londres. Uma coleção de quatro instrumentos foi recentemente avaliada em US\$ 50 milhões. Tudo por causa da pequena etiqueta com o texto latino, colada em cada instrumento certificado: *Antonius Stradivarius Cremonensis Faciebat* (Feito por Antonio Stradivari de Cremona).

**A** CREDITA-SE que o gênio responsável por esses instrumentos tenha nascido em 1644, na cidade de Cremona, norte da Itália. Quando adolescente, Antonio Stradivari foi aprendiz do fabricante de violinos Nicolò Amati. Lentamente, foi aprendendo seu ofício até que, com pouco mais de 20 anos, começou a assinar os próprios instrumentos.

Naquela época, o violino de concerto ainda era novidade, descendente das rabecas que chiavam nas festas campestres. Stradivari inventou, experimentou e modificou, aplainando o desenho arredondado

e curvilíneo de Amati para produzir um som mais vigoroso. O som era único, e não demorou para que chovessem pedidos dos ricos e poderosos, vindos de toda a Europa.

Alto, magro e com uma energia prodigiosa, Stradivari produziu instrumentos até sua morte, em 1737. Era dedicado a suas obras como um monge às orações. Da manhã à noite, ele moldava, talhava e juntava os fragmentos pequenos e perfeitos de madeira. Depois os colava, coloria e envernizava, pendurando-os para secar no terraço.

Os especialistas calculam que Stradivari tenha produzido cerca de 1.100 instrumentos de todo tipo, dos quais uns 600 ainda existem. Fez instrumentos de corda de várias espécies, inclusive violas, violoncelos e violões, mas é pelos violinos incomparáveis que é venerado.

“Ele foi o homem certo no momento certo, e melhorou e aperfeiçoou o instrumento”, disse-me Bruce Carlson, em sua oficina impecável no alto de uma rua lateral de Cremona. Carlson, americano que foi à Itália para estudar a fabricação de violinos, ajuda nos cuidados e na restauração de instrumentos no museu de Stradivari da cidade. “Eles oferecem uma facilidade para tocar que os instrumentos novos não conseguem apresentar, uma escala mais ampla de nuances e possibilidades interpretativas”, explicou. “É uma experiência quase metafísica tocar os violinos dele. O instrumento nos diz como tem de ser usado.”

---

**Um empregado da Sotheby's  
exibe o Stradivarius que atingiu o  
valor de 388.500 libras num  
leilão em março de 2001.**





O músico Julian Altmann toca o Gibson roubado.

Jacques Camurat, *luthier* francês aposentado, está convencido de que Stradivari era como um construtor de catedrais, sempre procurando encontrar as “proporções divinas” para seus instrumentos. Pesquisadores já vasculharam todos os detalhes de seus violinos. Mas, a despeito de algumas teorias, nem as análises químicas, nem computadores, osciloscópios ou microscópios eletrônicos conseguiram explicar a magia.

Há três séculos os *luthiers* lutam para repetir essa magia e, no entanto, a maioria dos especialistas concorda que nenhum instrumento moderno, por mais cuidadosa que seja sua fabricação, pode se igualar a um Stradivarius.

“Os melhores têm uma ampla be-

leza de som que continua indefinidamente, por maior que seja o espaço”, disse uma vez Isaac Stern, grande virtuose americano. “Existe neles uma qualidade suave, aveludada, e ao mesmo tempo um vigor, uma arrogância de som real, majestosa, que parece dizer: ‘Permiti que me tocassem, mas aprenda a me usar com beleza.’”

Existem muitos impostores e imitadores. Na Inglaterra, no início do século 20, os talentosos irmãos Voller produziram cópias quase perfeitas, chegando a mandar seus instrumentos para a Itália, onde um cúmplice os “descobria”. O

Balfour, obra mais abominável dos irmãos Voller, circulou pela Europa durante décadas. Sua carreira terminou em 1964, quando os negociantes londrinos W.E. Hill & Sons compraram o violino a fim de tirá-lo do mercado.

Os inescrupulosos têm feito de tudo para iludir os ingênuos. Milhares de Stradivarius falsificados inundam o mercado, muitos de péssima qualidade. Fábricas em países como Alemanha, França e Japão especializaram-se em produzir violinos baratos no século 19 e princípios do século 20, ocasionalmente usando etiquetas do Stradivarius.

“Antonio Stradivari talvez seja o nome mais falsificado no mundo”,

escreveu Sydney Beck, da Divisão de Música da Biblioteca Pública de Nova York. Até mesmo a empresa americana Sears Roebuck ofereceu dois modelos “Stradivarius” no catálogo de 1900. O mais barato era vendido por US\$ 2,45.

**O**S ROUBOS também são uma constante na história desses tesouros. Um dos casos mais impressionantes ocorreu com o próprio Gibson que eu tive nas mãos. O instrumento foi roubado do camarim do violinista Bronislaw Huberman, no Carnegie Hall de Nova York, em 1936. Só reapareceu em 1985, após a confissão de Julian Altman, artista de cafés e bares, no leito de morte. Ele contou que comprara o violino do ladrão.

Durante 50 anos o nobre instrumento levava uma vida de cigano em bares e restaurantes, percorrendo a Costa Leste dos Estados Unidos. Por fim, Charles Beare fez a autenticação e ficou chocado ao deparar com o verniz vermelho usado por Stradivari oculto sob camadas de sujeira e cera. Foram necessárias seis sema-

nas de trabalho delicado para retirar a sujeira de meio século, mas, na ocasião em que o segurei, o Gibson parecia quase tão belo quanto em 1713, quando Stradivari o finalizou.

Os proprietários de Stradivarius podem ser incrivelmente descuidados. Em maio de 2001, o músico americano Lynn Harrell deixou seu violoncelo Stradivarius de 1673 na mala de um táxi em Nova York. O motorista do táxi conseguiu encontrar Harrell e devolveu o instrumento. Recebeu uma recompensa em dinheiro por sua honestidade.

O que a maioria dos músicos sérios sente ao levar o arco a um Stradivarius não é o prazer de ter um instrumento valioso, mas algo como a comunhão com um espectro – a alma de um artista falando com a de outro.

Perguntei a Martin Lovett, violoncelista do renomado Quarteto Amadeus, se algum dos artesãos da atualidade poderia um dia equiparar-se ao mestre de Cremona. “Não elimino essa possibilidade”, respondeu ele, “mas esperar que apareça outro Stradivari é como esperar por um novo Mozart.”

## DESCRIÇÃO DETALHADA

Um dia, abri a porta de casa e deparei com a filha do vizinho. Entre lágrimas, ela explicou que sua gata havia sumido. Prometi que procuraríamos por ela. Quando lhe pedi que a descrevesse, a menina disse:

- Ela tem cabeça branca, rabo branco, quatro patas brancas e corpo branco. ANNE GOSSE, EUA

